



# a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

ANO VII — N.º 214

Director: ALEXANDRE VAZ

10 DE MARÇO DE 1994

QUINZENÁRIO

SAI NAS SEGUNDAS E ÚLTIMAS QUINTAS-FEIRAS DO MÊS



PREÇO: 50\$00

TAXA PAGA  
4700 BRAGA  
PORTUGAL

## AMARES

### Misericórdia vê desbloqueada construção do Lar de Terceira Idade

Efectivamente, a Santa Casa da Misericórdia, recebeu há dias, a comunicação de ter sido despachada superiormente, a adjudicação da obra de construção do seu Lar de Terceira Idade.

Depois de alguns meses dedicados a estudos técnicos e financeiros, às empresas concorrentes, a Segurança Social de Braga, deu luz verde, para que a obra fosse entregue.

Contactada a Misericórdia, viemos a saber que a obra vai ser entregue pelo valor do concurso realizado em Março de 1993 e será cumprido o prazo de execução de 18 meses, também, previsto no regulamento daquele concurso.



Sendo assim, ninguém será prejudicado, a não ser o atraso no início da construção, que levou os seus preten-

sos utentes, a ter que esperar cerca de 1 ano.

A obra que será participada pelo Estado (PIDDAC) em cerca de

60% terá como custo global 126.376.183\$00 e terá início rapidamente, para minorar o atraso já verificado.

### SECRETÁRIO DE ESTADO DO TURISMO VISITA MOSTEIRO DE BOURO



É já no próximo dia 25 do corrente, pelas 15 h., que o Secretário de Estado do Turismo, Alexandre Relvas, visita o Mosteiro de Bouro (Santa Maria), para apreciar o projecto que visa a construção de uma pousada naquele imóvel, abandonada que foi a ideia de idêntica solução para o Mosteiro de Tibães, por parte da ENATUR.

Alexandre Relvas desloca-se ao Minho no âmbito da viagem que efectua para participar no Congresso do Turismo de Habitação que decorre em Ponte de Lima nos dias 25 e 26 deste mês.

### AO PATRIARCA S. JOSÉ

*Glorioso Patriarca São José  
Protector da Exemplar Família:  
Jesus, Maria e José,  
E de todas as famílias em geral,  
Justo, humilde e salutar,  
Sem haver outro santo igual!*

*Homem do silêncio,  
Dum recolhimento profundo,  
Castíssimo Esposo de Maria,  
Pai adoptivo do Senhor Jesus,  
O Sacratíssimo Mistério,  
Calando em nós bem fundo!*

*Socorro na hora da morte  
Venerável São José!  
Porque se ora com fervor  
E a mais viva fé,  
Que nos acompanha na vida  
Junto da Sua Esposa querida.*

*Abençoai as famílias  
Que não compreendem a sua missão.  
Avival nossa confiança  
Dulcificando o coração,  
P'ra que não se perca a esp'rança  
Continuando a rezar: Pai-nossos e Avé Marias!*

*Vos louvamos Fidelíssimo São José  
Confiando no Vosso Poder, junto de Jesus,  
Que é: Fonte de Vida, de Graça e de Luz;  
Espalhai Vossa bênção aos que imploram  
A Vossa divina protecção.  
Dai às famílias: paz e união.*

MARIA DA GRAÇA L. CRUZ

## SUMÁRIO

Cartas ao Director

PÁGINA 2

Pelo Santuário

PÁGINA 3

Encontro de Catequistas em Amares

PÁGINA 5

A minha coluna

PÁGINA 8

## a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

Quinzenário regionalista e independente

DIRECTOR  
Prof. Alexandre Vaz

DIRECTOR-ADJUNTO  
José Filipe

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Santuário de Nossa Senhora da Abadia  
Santa Maria de Bouro  
4720 AMARES  
Telefone (053) 371197

PROPRIETÁRIO  
Confraria de Nossa Senhora da Abadia

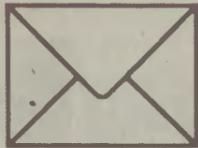
DEPÓSITO LEGAL N.º 12453/86

COMPOSTO E IMPRESSO  
EDITORA CORREIO DO MINHO/SM  
Palácio de Exposições e Desportos  
Telefone 74087

4703 BRAGA CODEX

ASSINATURA ANUAL: 1.200\$00  
NÚMERO AVULSO: 50\$00

TIRAGEM MÉDIA MENSAL  
3.500 EXEMPLARES



# CARTAS AO DIRECTOR

## POLUIÇÃO

Fala-se hoje muito em poluição. É na água, é no ar, etc., etc., tudo parece ir perdendo o que tem de puro, de vida de valor. E infelizmente, o malavança de tal maneira que já nem se respeita o que é sagrado!

A poluição até já atingiu as consciências... perdeu-se o respeito pela inocência, pela velhice, fala-se, escreve-se como se nada houvesse para respeitar.

Aqui há uns anos atrás, ninguém se atrevia a pronunciar abertamente um palavrão diante de uma criança, ou pessoa de respeito, muito menos de uma senhora.

Hoje, até num jornal que pertence a uma Confraria de N.ª S.ª, e não só... se escrevem artigos, contando peripécias indecentes, acompanhadas do calão mais grosseiro e ordinário, sem respeitar os olhos que o vão ler.

Um jornal que tem por nome algo que nos lembre Nossa Senhora vai a todas as mãos, desde a criança até ao velho que, pendendo já mais para o além (a terra da verdade), do que para a vida que ainda dura, sente-se revoltado com a falta de sentimentos e respeito pelo próximo. Pois que lhe importa o que é sórdido e mal-doso?

Como é que as crianças podem fazer-se homens de bem, se nem num jornal da Igreja podem confiar? — A poluição já vai fazendo muitos estragos nas consciências, nos sentimentos infelizmente na mo-

ral. Será que ainda se pode salvar um mínimo de senso, de consciências bem formadas que dêem a Deus o que é de Deus e a César o que é de César?

Porque fazer misturas, estragando o que é proveitoso, com a maldade de uma linguagem venenosa e suja? Será que já não se encontra um mínimo de vergonha? Ou quem escreve não conhece outro assunto?

Deixem essa vontade de contar histórias pôdres que só causam náusea... Deixem os mortos em paz! — Há tantos casos de famílias exemplares que nos deixaram bons exemplos de honra e dignidade, (não digo que não tivessem também seus defeitos, fraquezas... mas quem quer dar o geito, procura maneira de contar, sem ferir a susceptibilidade dos outros e não vai estragar um jornal religioso com histórias de bêbados impudicos). — Mandem esse lixo para os jornais que vão às mãos dos simpatizantes e deixem-nos os nossos jornais limpos para nós, os católicos os lermos felizes com a consciência em paz!

Maria Madalena Alice  
Creissac de Freitas

modo jamais ousaria propor o assunto que se segue, que tomo a liberdade de lhe dirigir esta carta.

Sou um homem de 53 anos com vida constituída, mulher e uma filha, e faço a minha vida quase normal, estou na situação de reformado por invalidez e digo quase normal porquanto a paralização total dos membros inferiores e amarrado a uma cadeira de rodas (desde a infância) não me permite à desenvoltura indispensável a uma vida alegre e situação monetária desafogada.

Ocorreu-me pois há muitos anos a ideia de ocupar o tempo que disponho (derivado à minha condição física) como hobby nos tempos livres, dedicar ao coleccionismo de variadas coisas, e, entre elas com maior destaque a coleccionar «SELOS, POSTAIS ILUSTRADOS UNIVERSAIS, CALENDÁRIOS DE BOLSO USADOS OUVOS, CANETAS, PORTA CHAVES, ISQUEIROS, EMBLEMAS, ARTIGOS DESPORTIVOS E CARTEIRAS DE FÓSFOROS» que por sinal há muito tempo está desactualizada.

É pois nesse sentido, que me dirijo a V. Ex.ª pois só por meio de carta tenho a possibilidade de o fazer, para apelar à sua generosidade, terei um grande prazer e alegria em ver publicado no vosso conceituado JORNAL na secção que V. Ex.ª veja que tenha maior interesse de leitura, um apelo aos vossos leitores amigos para obtenção das sobras que tiverem disponíveis do que eu coleciono, podem enviar directamente para a minha casa (Praceta Alto do Varejão, 1.2.º-esq. — 1900 LISBOA) ou para a vossa Redacção.

Ficarei muito grato que este meu apelo seja compreendido, o qual virá enriquecer as minhas colecções e ao mesmo tempo ocupar o meu isolamento exterior e torná-lo menos penoso.

Na expectativa do que deixo exposto é mais que ilucidativo para não demerrecer a sua preciosa atenção e boa compreensão, o que antecipadamente agradeço, subscrevo-me com a mais elevada consideração.

De V. Ex.ª

Muito Atenciosamente,  
Álvaro Antunes da Cruz

## Semana Verde da Galiza — Dia Internacional do Agricultor

Lisboa, 10/3/94

Exmo. Sr. Director:

Com os meus respeitosos cumprimentos, começo por expor a minha pretensão.

Na certeza de V. Ex.ª ser possuidor dos mais elevados sentimentos humanos, pois de outro

Vai-se realizar em Silleda — Espanha de 25 a 29 de Maio mais uma edição da FEIRA INTERNACIONAL — SEMANA VERDE DA GALIZA.

À semelhança de anos anteriores o programa

desta Feira inclui o DIA INTERNACIONAL DO AGRICULTOR que consiste num concurso com diversas modalidades, ao qual podem concorrer agricultores portugueses das Regiões Agrárias de Entre-Douro e Minho e de Trás-os-Montes.

Estes concursos, que já têm sido vencidos por agricultores portugueses têm prémios aliantes.

Para mais informações, devem contactar a Direcção Regional de Agricultura de Entre-Douro e Minho.

DIVULGUE E ASSINE

## a voz da abadia

Colabore connosco na expansão deste jornal.

Faça dos seus Amigos assinantes de «A Voz da Abadia» — enviando-nos, devidamente preenchido, este cupão.

NOME \_\_\_\_\_

MORADA \_\_\_\_\_

Assinatura Anual (1.200\$00) .....

Assinatura Bi-anual (2.400\$00) .....

Assinatura de Benefitor ( ) .....

Renovação da Assinatura (Anos: ) .....

**Nas páginas  
deste Jornal  
o seu nome  
nunca fica mal...**

**Por isso anuncie  
n'A VOZ DA ABADIA**

Pensão  
**UNIVERSAL**  
ABERTA TODO O ANO  
Restaurante

EM  
TERMAS  
DE CALDELAS  
Telefones 36236 / 36286  
4720 AMARES

**CM CASA MACEDO**  
DE - José Cassiano Gonçalves Macedo

TECIDOS • MALHAS • CONFECÇÕES • PRONTO A VESTIR  
CALÇADO • MIÚDEZAS, ETC. — EMP. S/ PÊNHORES

Praça do Comércio, 102 a 106  
Telefone 993176 • 4720 AMARES

# PELO SANTUÁRIO



## FESTA DA GOMA

No dia 10 de Abril, domingo de Pascoela, no Santuário, vai realizar-se a «Festa dos Prazeres de Nossa Senhora», conhecida por cá como a Festa da Goma.

O programa é o mesmo dos últimos dois anos: Missa cantada às 11,30 horas com sermão, procissão a seguir e bênção dos campos.

Estamos nos princípios das sementeiras e dalguns trabalhos agrícolas, a bênção com a oração da Igreja e uma garantia da ajuda de Deus, se a merecermos.

O Dr. Elísio Rivas Quintas, num estudo «Dogmática da Virgem Maria em Orense» publicado no «Boletim de Estudos de Seminário Fontes-Sarmento», de «Hagiografia Topomínia — Onomástica de Galícia» — n.º 14 - ano XV — 1993, conta resumidamente a história desta festa litúrgica.

Os *Sete Gozos de N.ª Señora* contrapõem-se às *Sete Dores* de que xa falamos. A celebração fora concedida de primeiras ós Padres Franciscanos: *Os Sete Gozos ou Alegrias de Nosa Señora*. En Reus, Xerona, N.ª S.ª dos Gozos, dise tamén N.ª S.ª de Belén.

Todos sabemos ben o que é «gozo», o mesmo ca «dor», escusa acraración. E o lat, *gaudium*, coma *gaudere* 'gozar'; gozar derivado dun *gaudire*. O que fixo a Eirexa foi facer coma unha rebusca para distraer e consolar a Nosa Señora polas Sete Dores.

Em português, numa tradução um pouco livre: «Os Sete Gozos de Nossa Senhora» contrapõem-se as Sete Dores (profetizadas em parte pelo santo velho Simeão na apresentação do Menino Jesus no Templo) de que já falamos.

Todos sabemos o que quer dizer «gozo» (prazer) e o que quer dizer «dor» não faz falta qualquer explicação. E o termo latino *gaudium*, como *gaudere*, «gozar»: gozar derivado do termo latino *gaudire*.

O que a Igreja fez foi um exame mais aprofundado para distrair e consolar a Nossa Senhora nas Sete Dores.

A Rainha dos Martires como a invocamos na ladainha, mais do que ninguém estava integrada na economia da salvação, no plano da salvação que Deus tinha para nós.

A alegria pascal da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo era participada por ela por ser a ressurreição do seu filho e por ser a garantia da nossa; mais, por ser a realização da esperança em Deus que lhe dera fortaleza nas Sete Dores como em toda a sua vida.

## PROMESSAS

No mês de Fevereiro entregaram os seguintes donativos de promessas:

Anónima .....	85.000\$00
Palmira Antunes Vieira, Paradelade Frades .....	10.000\$00
Manuel Rodrigues da Silva, S. Bartolomeu (Bouro, St.ª Marta) .....	5.000\$00
Silvério da Silva Fernandes, Paradelade Frades .....	5.000\$00
António Agostinho Rodrigues Dias, Bobordochão-St.ª Isabel .....	1.000\$00
Casimiro Fernandes Azevedo, Paradelade-Valdosende .....	1.000\$00
Casa do Quinteiro, Bustelo-Terras de Bouro .....	1.000\$00
No Santuário deram mais estas promessas anónimas: 1 de 10.000\$00; 6 de 5.000\$00; 2 de 2.000\$00; e 26 de 1.000\$00.	

No século XVII, um casal de emigrantes fundou o Santuário de Nossa Senhora dos Gozos, em Derrassa, St.ª Marta de Morreiras do Pereiro de Aguiar, Orense.

A festa fazem-na no mesmo dia da Abadia, Domingo «in Albis», entre nós domingo de Pascoela.

Na vizinha freguesia de Parada de Bouro há uma capela de Nossa Senhora dos Prazeres ou Nossa Senhora da Goma.

No lugar de Fradelos, da freguesia pegada de Friande, dizia o saudoso Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha que tinha havido um convento de frades menores.

Não estará a existência desta capela relacionada dalguma maneira com esses frades franciscanos?

A. G.

VISITE  
A EXPOSIÇÃO  
COMEMORATIVA  
DE S. BERNARDO  
NO MUSEU  
NOSSA SENHORA  
DA ABADIA

## PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Tiveram a amabilidade de pagar as suas assinaturas os seguintes assinantes:

Manuel Arão Freitas de Sousa, Amares — 1944 .....	1.200\$00
Manuel José da Silva Martins, Paranhos — 90/94 .....	6.000\$00
Virgílio Ribeiro China, Ermesinde — 1992 .....	1.200\$00
Manuel Domingues Ribeiro, França — 94/95 .....	2.500\$00
António da Silva Campos, St.ª Marta — 1993 .....	1.200\$00
Joaquim da Costa, Feira Nova-Amores — 1994 .....	1.500\$00
Américo José de Oliveira Arantes, Dornelas — 1994 .....	1.500\$00
Filipe Peixoto, Goães — 1994 .....	1.200\$00
Manuel José Rodrigues Saraiva, St.ª Marta — 1993 .....	1.300\$00
Manuel Gonçalves Savina, Sequeiros — 1993 .....	1.200\$00
Franklim Campos Soares, Braga — 1994 .....	1.500\$00
António de Jesus Antunes, Bouro — 1994 .....	1.500\$00
Frank Antunes, Canadá — 1994 .....	1.500\$00
Porfírio Vinhas Antunes, Luxemburgo — 1993 .....	1.200\$00
Conceição da Mota Antunes, Bouro — 1993 .....	1.200\$00
Porfírio Barbosa Braga, Bouro — 1993 .....	1.200\$00
António José da Silva, St.ª Marta — 1993 .....	1.200\$00
José Vieira de Sousa, Bouro — 1993 .....	1.200\$00
Maria do Patrocínio E. Marques, Bouro — 1994 .....	1.200\$00
António Alves da Mota, Caldelas — 91/92 .....	2.000\$00
António José Almeida da Silva, U.S.A. — 1993 .....	1.250\$00
João Dias, Valdosende — 1993 .....	1.250\$00
João Evangelista Gomes Foz, Luxemburgo — 1994 .....	1.200\$00
António Manuel Marques de Sousa, Bouro — 1994 .....	1.200\$00
Borges Fernandes João, Luxemburgo — 1994 .....	1.200\$00
Fernando Barbosa Pereira, França — 94/95 .....	2.400\$00
Augusto José Ferreira, St.ª Marta — 1992 .....	1.200\$00
Antero José Rodrigues, St.ª Marta — 1994 .....	1.200\$00

## HORÁRIO DAS MISSAS

Nos meses de inverno, de Novembro a Março, aos domingos e dias santos a Eucaristia é às 11 horas da manhã e de tarde às 16 horas.

Nos sábados às 17,30 horas.

A missa das 11 horas dos domingos e dias santos é pelos irmãos da Confraria e pelos benfeitores do Santuário, uns e outros quer vivos quer falecidos.



FÁBRICA  
DE FATOS  
CASACOS  
CALÇAS

de alta categoria!

À venda nos bons estabelecimentos

PONTE DOS FALCÕES  
MAXIMINOS - 4700 BRAGA

TELEFONE 71210  
TELEX 32288 FACHO

# «A família está ao serviço da caridade, a caridade está ao serviço da família»

1. «A família está ao serviço da caridade, a caridade está ao serviço da família». Com um tal tema, escolhido para este ano, queria convidar todos os cristãos a transformarem a sua existência e a modificarem os seus comportamentos, para serem fermento que faz crescer no seio da família humana a caridade e a solidariedade, valores essenciais da vida social e da vida cristã.

2. Em primeiro lugar, que as famílias tomem consciência da sua missão na Igreja e no mundo! É na oração pessoal e comunitária que recebem o Espírito Santo que, nelas e por elas, vem fazer novas todas as coisas e que abre o coração dos fiéis à dimensão universal, saciando-se na fonte do amor, cada um tornar-se-á capaz de transmitir este amor na sua vida e nas suas obras. **A oração une-nos em Cristo, fazendo assim todos os homens irmãos.**

A família é o lugar primeiro e privilegiado da educação e do exercício da vida fraterna, da caridade e da solidariedade, em suas múltiplas formas. No relacionamento familiar aprende-se a atenção, o acolhimento e o respeito do outro, que sempre deve poder encontrar o lugar que lhe pertence. Depois, a vida em comum é um convite à partilha, que permite sair do próprio egoísmo. **Aprendendo a partilhar e a dar, descobre-se a alegria imensa que nos traz a comunhão dos bens.** Com delicadeza, os pais procurarão despertar nos filhos, pelo seu exemplo e o seu ensino, o sentido e solidariedade, desde a infância, cada um é chamado também a fazer a experiência da abstinência e do jejum, a fim de forjar o seu carácter e dominar os seus instintos, em especial o da posse exclusiva para si mesmo. **Aquilo que se aprende na vida familiar permanece ao longo de toda a existência.**

3. Nestes tempos particularmente difíceis que o nosso mundo atravessa, oxalá as famílias a exemplo de Maria que se apressou a ir visitar sua prima Isabel, se tornem próximas dos seus irmãos em necessidade e os tenham presentes na sua oração! Como o Senhor, que toma os homens ao seu cuidado, devemos poder dizer: «Voltei os Meus olhos para o meu povo, e o seu clamor chegou até Mim» (1 Sam. 9, 16); deste modo, não poderemos permanecer surdos aos seus apelos, porque **a pobreza de um número sempre crescente de irmãos nossos aniquila-lhes a sua dignidade de pessoas e desfigura a humanidade inteira;** constitui uma injúria clamorosa ao dever de solidariedade e de justiça.

4. Hoje, a nossa atenção deve concentrar-se especialmente sobre os sofrimentos e as pobreza familiares. Com efeito, um grande número de famílias atingiram o limiar da pobreza, não possuindo sequer o mínimo necessário para se alimentar e nutrir os seus filhos, para permitir a estes últimos terem um crescimento físico e psíquico normal e seguirem uma escolaridade regular e válida. Algumas não têm os meios para se alojarem decentemente. **O desemprego alastra cada vez mais, aumentando em proporções consideráveis o empobrecimento de faixas inteiras da popula-**



JOÃO PAULO II

ção. Mulheres há que se vêem obrigadas a prover sozinhas às necessidades dos seus filhos e a educá-los, o que leva muitas vezes os jovens a divagarem pelas ruas, refugiando-se na droga, no abuso do álcool ou na violência. Constata-se actualmente um crescimento dos casais e das famílias a braços com provações psicológicas e de relacionamento. As dificuldades sociais contribuem às vezes para a desintegração do núcleo familiar. Com muita frequência, o filho nascituro não é aceite. Em alguns países, os menores são submetidos a condições desumanas ou vergonhosamente exploradas. As pessoas de idade e as diminuídas, porque economicamente não rentáveis, são deixadas numa extrema solidão e sentem-se inúteis. Por pertencerem a outras raças, culturas, religiões, famílias vêem-se rejeitadas na terra onde se tinham estabelecido.

5. Face a tais flagelos, que atingem o conjunto do planeta, não podemos calar nem permanecer inactivos, pois ferem a família, célula básica da sociedade e da Igreja. Somos chamados a dominá-los. **Os cristãos e os homens de boa vontade têm o dever de apoiar as famílias em dificuldade,** dando-lhes os meios espirituais e materiais para sair das situações frequentemente trágicas que acabamos de evocar.

Neste tempo da Quaresma, portanto, convido antes de mais à partilha com as famílias mais

pobres, para que possam desenpenhar, particularmente com os filhos, as responsabilidades que lhes competem.

Ninguém pode ser rejeitado em nome da sua diferença, da sua debilidade ou da sua pobreza. Pelo contrário, as diversidades são riquezas para a construção comum. É a Cristo que nos damos sempre que nos dedicamos aos pobres, porque eles «revestiram o rosto do nosso Salvador» e «são os preferidos de Deus» (S. Gregório de Nissa, *O amor dos pobres*). A fé exige a partilha com os semelhantes. **A solidariedade material é uma expressão essencial e primária da caridade fraterna:** é ela que dá a cada um os meios para subsistir e organizar a sua vida.

A terra e as suas riquezas pertencem a todos. «A fecundidade de toda a terra deve tornar-se fertilidade para todos» (S. Ambrósio de Milão, *De Nabuthe VII, 33*). Nas horas dolorosas que vivemos, não basta, sem dúvida, tomar do supérfluo, mas sim transformar os comportamentos e os modos de consumo, a fim de cortar do próprio necessário e de olhar apenas ao essencial, para que todos possam viver com dignidade. **Façamos jejuar os nossos desejos por vezes imoderados no possuir, a fim de oferecer ao nosso próximo o que radicalmente lhe falta.** O jejum dos ricos deve tornar-se o alimento dos pobres (cf. S. Leão Magno, *Homilia 20 sobre o jejum*).

6. De modo particular, chamo a atenção das comunidades diocesanas e paroquiais para a necessidade de encontrar meios práticos para ir em socorro das famílias carenciadas. Sei que numerosos sínodos diocesanos tomaram já providências nesse sentido. Também a pastoral familiar deve poder jogar um papel de primeiro plano. Além disso, os cristãos, nos organismos civis em que participaram, apelarão insistentemente a este cuidado e a este dever imperioso de ajudar as famílias mais débeis. Dirijo-me ainda aos governantes das nações para que encontrem, a escala do seu país e do conjunto planetário, os meios para fazer cessar a espiral da pobreza e endividamento das famílias. A Igreja deseja que, nas políticas económicas, os dirigentes e os chefes de empresa tomem consciência das mudanças a operar e das suas obrigações, **para que as famílias não dependam unicamente das ajudas que lhes são concedidas, mas que o trabalho dos seus membros lhes possa fornecer os meios de subsistência.**

7. A comunidade cristã acolhe com alegria a iniciativa das Nações Unidas de fazer de 1994 um Ano Internacional da Família, e por todo o lado onde lhe é possível, de bom grado ela dá o seu contributo específico.

Hoje não fechemos o nosso coração, mas escutemos a voz do Senhor e a dos irmãos, os homens! **Possam as acções de caridade realizadas no decurso desta quaresma, pelas famílias, proporcionarem a cada um a alegria profunda e abrirem os corações a Cristo ressuscitado,** «o Primogénito de muitos irmãos» (Rom. 8, 29)! A todos aqueles que responderão a este apelo do Senhor, concedo de bom grado a minha Bênção Apostólica.

## ENCONTRO DE CATEQUISTAS EM AMARES

Cerca de cem catequistas do arceprelado de Amares reuniram-se no passado dia 26 de Fevereiro entre as 14 e as 17 horas, em Carrizado, num encontro destinado a preparar a vivência do Mistério Pascal que se aproxima.

Oriundos das mais variadas paróquias do arceprelado, os catequistas tiveram uma primeira reflexão sobre o tema, apresentada pelo P. António Sousa e Silva, delegado do Arceprelado para a Catequese, seguindo-se um trabalho de grupos em que foram analisadas várias perspectivas sobre o tema: O que é o Mistério Pascal e quando se celebra? Qual a relação entre o Mistério Pascal e os sacramentos da Eucaristia e Penitência? Como viver o Mistério Pascal e como o apresentar às crianças?

Após a realização do trabalho de grupos, procedeu-se ao plenário, tendo sido apresentadas as várias conclusões do trabalho de grupo, sintetizadas depois pelo P. Zerefino Esteves.

Este encontro surgiu da necessidade de proporcionar aos catequistas a possibilidade de se encontrarem com outros catequistas do arceprelado para troca de experiências, convívio e formação contínua.

Deste encontro saiu formada a que virá a ser Equipa Arceprel de Catequese. O próximo encontro, em data ainda a designar poderá ter como tema «Catequese e Família».

### DIA DO PAI — 19 DE MARÇO

*Data d'infinita gratidão  
Revelada ao Pai neste dia;  
Unidos de tod'o coração  
Para se lhe dar alegria.*

*Gesto lindo de união  
Agradecendo-lhe a vida,  
Também a compreensão  
Na sua feliz guarida!*

*Ser agradecido é um bem  
De que se não pode escusar;  
Meu Pai bondoso, obrigada,  
Porque ne ensinast'amar!*

*Vos presto minha homenagem  
Pai trabalhador e destemido,  
Muito querido e exemplar,  
Contigo, prossigo, nesta passagem!*

MARIA DA GRAÇA L. CRUZ

## CARDOSO DA SAUDADE



- FATOS
- CALÇAS
- CASACOS
- BLUSÕES

ARTIGOS DE ALTA QUALIDADE  
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

## CARDOSO DA SAUDADE

LARGO DE SANTA CRUZ — BRAGA

MOSTEIRO DE BOURO — MOSTEIRO DAS MONTANHAS

pequeno, a Lourenço Martins da Praça um dos honrados cidadãos da cidade, que morava junto à igreja catedral... e depois o deu, para que o criasse, a D. Nuno Freire de Andrade, mestre da cavalaria da Ordem de Cristo.

Sob o cap. XLIII insiste o cronista na mesma matéria e termina, dizendo que, sendo em idade de sete anos, veio a morrer o mestre de Avis, D. Martim do Avelar.

O Mestre de Cristo, logo que isto soube, foi ter com D. Pedro que então pousava na Chamusca, e pediu-lhe aquele Mestrado para o dito seu filho que levava em sua companhia, e el-rei foi mui ledo do requerimento, e muito mais ledo de lho outorgar.

«Então tomou o Mestre da Ordem de Cristo o moço nos braços e tendo-o em eles lhe cingiu el-rei a espada e o armou cavaleiro, e beijou-o na boca, lançando-lhe a bênção dizendo que Deus o acrescentasse de bem em melhor, e lhe desse tanta honra em feitos de cavalaria, como dera a seus avós: a qual bênção foi em ele bem cumprida, como a diante ouvireis.»

E disse então el-rei para o mestre: — Tenha este moço isto por agora, cá sei que mais alto há-de subir, se este é o meu filho João de que a mim algumas vezes falaram, como quer que eu queria antes que se cumprisse no infante Dom João meu filho, que nele; (queria dizer no outro filho que havia de Inês de Castro); cá a mim disseram que eu tenho um filho João que há-de montar muito alto, e porque o reino de Portugal há-de haver mui grande honra. E porque eu não sei qual destes Joões há-de ser, nem o podem saber em certo, eu azarei como sempre acompanham ambos estes meus filhos, pois que ambos são de um nome, e escolha Deus um deles para isso, qual sua mercê for. Como quer que muito me suspeita a vontade que este há-de ser, e o outro nenhum não, porque eu sonhava uma noite o mais estranho sonho que vós vistes: a mim parecia, em dormindo, que eu via todo o Portugal arder em fogo de guisa que todo o reino parecia uma fogueira, e estando assim espantado, vendo tal coisa, vinha este meu filho João, com uma vara na mão e com ela apagava fogo todo. E eu contei isto a alguns que razão têm de entender em tais cousas, e disseram-me que não podia ser, salvo que alguns grandes efeitos lhe haviam de sair de entre as mãos. Esta é a linguagem do eminente cronista Fernão Lopes.

Ora, como o leitor bem pode ir percebendo, tudo leva a crer que nas veias do fundador da gloriosa dinastia de Avis e da inclita geração circula, pelo lado materno, vigorosa e fresca seiva deste tronco de Amados e Almeidas, que foi Pelágio Amato, humilde ermitão, restaurador do Convento das Montanhas. Tal

MOSTEIRO DE BOURO — MOSTEIRO DAS MONTANHAS

o senhorio dele aos abades e seu mosteiro, retirando de toda a obrigação e senhorio real.

Por falta de cautela, aconteceu que um incêndio queimou o cartório real mosteiro de Bouro e, entre os valiosos documentos, ardeu a doação do senhorio do Couto, que o mesmo rei voltou a doar-lhes na era de 1162. O texto deste documento, em latim, o qual já anda publicado, traz os limites do dito couto, que no reinado de D. Manuel I se alargou e deu no extinto concelho de Santa Marta de Bouro, a que se refere um padrão que os habitantes de Goães transportaram dos limites com Dornelas, embora a inscrição trate do primitivo couto medieval.

Com estes primeiros acrescentamentos e porque a desejada paz já se consolidara sobre a terra de Portugal, por volta de 1170, acharam os frades o sítio muito áspero, estéril e desabrindo, mudando-se para perto do rio Cávado, ficando lá assustador esconderijo o Santuário de Nossa Senhora da Abadia.

Certamente, ter-se-á já interrogado o leitor: — Onde está o relacionamento dos descendentes de Pelágio Amato com os acontecimentos subsequentes da história, de modo que se verifique uma correspondência com o termo proposto de princípio?

É o que em breve se vai tratar. Entretanto, umas simples considerações. Porque foi o rei quem o propôs à comunidade, apesar de esta ser muito mais antiga, ficou para sempre sufragânea do Mosteiro de Alcobaça.

Trocou depois o primitivo sítio das montanhas, de áspero e desabrindo, pela amenidade do vale, onde veio levantar a grande fábrica do Mosteiro de Bouro, logo que a paz e segurança se consolidou, à medida que definitivamente foram repelidos para longe os inimigos da fé e dos Santuários e pareceu não haver mais lugar para assaltos e destruições.

Assim era de esperar e se verificou durante séculos de sossego e prosperidade para as populações e instituições deste género. Combateram-se e venceram-se os inimigos externos e descansou-se voltando-se as iniciativas para os outros sectores da vida nacional, as quais redondaram, sem dúvida com alguns percalços, em extraordinária grandeza.

Não se contou com os inimigos cá de dentro, que cresceram no bem estar e ganharam folgo e confiança entre o povo que conseguiram até certo ponto doutrinar para os seus fins, a coberto da boa fé dos incautos.

Os mesmos princípios, que deviam proteger e defender a sua causa, que era a deles principalmente, envolveram-se sob o pretexto e bandeira de uma

# PASSATEMPOS

## SETE DIFERENÇAS



**Anuncie no Jornal  
A VOZ DA ABADIA**

## DESAFIO

**INSTRUÇÕES:** Tente resolver o problema dentro do espaço de tempo concedido. Preencha cada quadrado com um algarismo de 1 a 9.

— Quadrados horizontais somados têm resultados à direita;

— Quadrados verticais somados têm resultados na fila do fundo;

— Quadrados diagonais somados, cruzando no centro e na base da coluna da direita.

Pode haver mais do que uma fórmula de resolução.

**TEMPO PARA ESTE DESAFIO:** 5 minutos.

O SEU RESULTADO: \_\_\_\_\_ minutos e \_\_\_\_\_ segundos.

				7
1				9
			1	7
	1			5
		1		5
6	7	6	7	6

## LABIRINTO

Descubra a frase que está escrita na grelha tendo em atenção que ela está relacionada com a palavra-chave.

A letra com que se inicia a frase está dentro de um círculo. As letras seguintes serão encontradas movendo a caneta para cima, para baixo, para a direita e para a esquerda, mas nunca na diagonal. Cada letra de cada quadrado da grelha nunca pode ser usada mais do que uma vez.

Palavra-chave DÓLMEN.

R	E	X	E	O
C	O	I	S	D
I	T	A	A	P
I	C	I	D	A
F	O	S	O	C

## ANEDOTAS

**Aluna para a professora:**

— S'tora, pode uma pessoa ser castigada por uma coisa que não fez?

— É claro que não!

— É que eu não fiz o trabalho de casa...

**Entre amigos:**

— António, sabes? Finalmente vou casar...

— Sim?

— É verdade... Vê se adivinhas o que faz a minha noiva.

— Adivinho, adivinho... Faz uma grandecíssima asneira...

**A professora:**

— Zé Carlos, mas que é isto? Eu mandei-te escrever 50 vezes a frase «Eu não sei

contar» e tu só escreveste 36 vezes?!

— É que eu não sei contar...

**Depois de um acidente brutal:**

— Você tem tudo partido: o queixo, 15 dentes, uma perna, um braço...

— Não é verdade; ainda me falta partir uma coisa: a tromba do que me atropelou e se pisgou.

**O professor explica o sentido das palavras:**

— Anónimo é uma pessoa que não se dá a conhecer.

— Ouve-se uma risada no fundo da sala.

— Quem é que se riu?

— Um anónimo, senhor professor.

**Uma mulher a um rapaz:**

— Porque choras?

— Porque a minha mãe me bateu.

— E por que é que te bateu?

— Por fazer precisamente como a senhora: meter-se no que não é chamada.

**Entre marido e mulher:**

— Ó amor, hoje faz anos que te dei as chaves do meu coração...

— É verdade! Mas passado um mês tiraste-lhe a fechadura...

guerra civil, em que se abateu a grande Família nacional, luta de morte que devora vidas e fazendas, a tal ponto que até foi preciso vender os bens das Ordens religiosas para pagar os trabalhos dos chefes das campanhas militares que nessa guerra participaram e conseguiram a derrota da facção contrária, com o triunfo do liberalismo. Todas as revoluções deixam as suas marcas. A revolução liberal deixou a marca da destruição e da morte.

Expulsos os frades de suas Casas, caíram sobre elas hordas de bárbaros mais perigosos que os que invadiram a Espanha em 710; e aí está à vista de todos o espectáculo comovedor do antigo Mosteiro de Bouro e de tantos outros sobre os quais se abateu a tragédia, concebido pelo decreto de 28 de Maio de 1834, em que pontificaram o ministro da justiça Joaquim António de Aguiar, mais conhecido pelo *mata-frades* e D. Pedro, que sobreviveu apenas três meses a esta façanha de tristíssima memória.

Aproveita-se ainda a oportunidade para uma ligeira referência ao Convento de Rendufe, no mesmo estado de abandono, fundação que se atribui a um cavaleiro militar contemporâneo de Pelágio Amato, de nome Egas Pais, sogro do alferes mór do conde D. Henrique, o qual foi D. Fafes Luz. Também este Egas Pais de Rendufe tem a sua memória na *Vida de S. Geraldo*. Repare-se na diferença que vai do restaurador da Abadia para o fundador de Rendufe:

Celebra S. Geraldo um pontifical em Guimarães, na corte do conde D. Henrique, quando notou, entre a assistência, a pessoa de Egas Pais, *unde Geraldus inter ceteros quemdam militem, qui Egas Pelagii vocabatur...* Logo o Santo Arcebispo deu ordens para que se pusessem fora da catedral, sem o que se recusava a continuar o acto litúrgico. Entrou tal fúria com o cavaleiro, que, contando com a aquiescência do Conde D. Henrique, quis pôr as mãos no arcebispo. E tê-lo-ia feito, se o demónio o não atormentasse e se tivesse apoderado dele. Intervieram os ricos-homens presentes e o próprio Conde D. Henrique junto do Arcebispo para que o livrasse do poder do demónio e assim aconteceu. Era que D. Egas Pais de Panagate tinha sido excomungado, porque, tendo dado princípio à fundação do Mosteiro de Rendufe, em vez de lhe prestar a devida assistência, andava metido de amores com uma parente próxima. Note-se que ele era viúvo de D. Sancha Mendes, filha de Mem Pêres de Briteiros.

O Santo Arcebispo atendeu as súplicas que lhe dirigiram. Egas Pais prometeu arrepender-se e prestar a devida atenção à incipiente comunidade

de Rendufe que logo começou a florescer a olhos vistos. E o pontifical continuou. A narrativa do caso do Monge Pelágio refere um breve passo deste acontecimento, que e mostra ser anterior.

Continua-se com a descendência de Pelágio Amato D. Pedro Pais de Almeida, filho do Almeidão, herdou a casa de seu pai e acompanhou para Toledo o rei deposto, D. Sancho II. Depois de ele morrer voltou para Portugal e casou com D. Maria Lourenço. Seu filho, D. Fernão Pires de Almeida, foi igualmente senhor da casa de seu pai, viveu no tempo de el-rei D. Dinis e foi alcaide-mór da vila de Avô. Achou-se com el-rei D. Afonso o Bravo na Batalha do Salado. Casou com D. Leonor Gonçalves. Entre seis filhos, foi o primeiro. D. Álvaro Fernandes de Almeida, que sucedeu na casa de seu pai e serviu o futuro rei D. Pedro e a rainha D. Inês de Castro. De três filhos foi o primeiro D. Fernão Álvares de Almeida, que foi o homem da confiança de el-rei D. João I, aio dos infantes seus filhos, cavaleiro da Ordem de Cristo, Comendador de Vila Viçosa e Juromenha na Ordem de Avis, etc.

Aqui vai começar um drama familiar e ao mesmo tempo histórico, que tem bastante que contar. D. Álvaro serviu em casa do infante D. Pedro e da que depois de morta foi rainha, já no período de infante para rei, quando reconciliado com o pai, D. Afonso IV, interferia nos negócios da administração do reino. Outro drama, ou escândalo amoroso... que a família da vítima desonesta calou em silêncio e sob perseguição, porque o rumo que acto contínuo levaram outros mais agigantados acontecimentos da história nacional e os preconceitos que criaram se impuseram por forma que se lhe sobrepusesse pesada losa tumular. Mesmo assim a história anda atenta a todos os acontecimentos e o presente é um dos que mais tem dado que fazer, e dará, à investigação histórica.

Atenda-se primeiro ao que diz Fernão Lopes no último parágrafo do cap. I da Crónica de D. Pedro: «Este rei não quiz casar depois da morte de D. Inês, em sendo infante, nem depois que reinou lhe prouve receber mulher; mas houve amigas com que dormiu e de nenhuma houve filhos, salvo de uma dona, natural da Galiza, que chamaram D. Teresa, que pariu um filho que houve nome D. João, que foi mestre de Avis em Portugal e depois rei, como adiante ouvireis, o qual nasceu em Lisboa, onze dias do mês de Abril às 3 horas depois do meio dia, no primeiro ano do seu reinado. O cronista-mór Frei Manuel dos Santos diz que nasceu em Lisboa a 15 de Abril de 1358 (era de César), que a divergência que há quanto ao dia, não admira, porquanto foi oculto o nascimento deste Príncipe. D. Pedro mandou-o criar, enquanto foi

# DESPORTO

## Nacional da I Divisão

### RESULTADOS

Marítimo - Benfica	1-1
Famalicão - Beira Mar	2-1
Sporting de Braga - Estoril	2-1
Paços de Ferreira - F.C. Porto	0-2
Salgueiros - Boavista	2-0
Vitória de Setúbal - Vitória de Guimarães	1-0
Belenenses - Gil Vicente	1-0
Estrela da Amadora - União da Madeira	2-0
Sporting - Farense	3-1

### CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Benfica	22	15	6	1	46-18	36
Sporting	22	16	3	3	40-14	35
F.C. Porto	22	13	6	3	41-12	32
Boavista	22	12	2	8	33-21	26
Marítimo	22	8	7	7	28-28	23
Vitória Guimarães	22	8	7	7	18-16	23
Estrela Amadora	22	7	8	7	25-23	22
Salgueiros	22	10	2	10	31-32	22
Gil Vicente	22	7	7	8	22-32	21
Belenenses	22	8	4	10	25-34	20
Farense	22	9	2	11	28-38	20
União Madeira	22	7	4	11	26-34	18
Sporting de Braga	22	6	6	10	20-25	18
Paços de Ferreira	22	5	8	9	19-28	18
Vitória de Setúbal	22	7	3	12	34-32	17
Beira Mar	22	6	5	11	18-23	17
Famalicão	22	6	5	11	19-41	17
Estoril	22	2	7	13	11-33	11

### PRÓXIMA JORNADA

(13 Março)

Farense - Marítimo  
Benfica - Famalicão  
Beira Mar - Sporting de Braga  
Estoril - Paços de Ferreira  
F.C. Porto - Salgueiros  
Boavista - Vitória de Setúbal  
Vitória de Guimarães - Belenenses  
Gil Vicente - Estrela da Amadora  
União da Madeira - Sporting

### MELHORES MARCADORES

16 golos: Yekini (Vitória de Setúbal).  
14 golos: Kostadinov (F.C. Porto).  
11 golos: Fernando (Estrela da Amadora), Hassan (Farense) e Drulovic (F.C. Porto, 5/Gil Vicente, 6).  
9 golos: Marlon (Boavista).  
8 golos: Ailton (Benfica), Isafas (Benfica), Ziad (Vitória de Guimarães), Jorge Andrade (Marítimo) e Bajakov (Sporting).

## II Divisão B (Zona Norte)

### RESULTADOS

Lousada - Maia	2-0
Lourosa - Infesta	3-1
Moreirense - Varzim	4-0
Ermesinde - Lixa	1-4
Ronfe - Marco	1-1
Vizela - Vila Real	1-0
Esposende - Paredes	3-1
Amares - Sandinenses	0-0
Fafe - União de Lamas	1-3

### CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Moreirense	21	13	4	4	45-25	30
União de Lamas	21	13	4	4	36-20	30
Lixa	21	10	7	4	23-21	27
Fafe	21	11	5	5	37-21	27
Maia	21	11	5	5	29-19	27
Lourosa	21	9	8	4	37-24	26
Varzim	21	9	5	7	30-30	23
Lousada	21	7	7	7	32-39	21
Marco	21	7	7	7	20-16	21
Esposende	21	7	6	8	22-22	20
Ronfe	21	5	10	6	20-27	20
Vizela	21	7	6	8	30-27	20
Infesta	21	7	5	9	39-40	19
Vila Real	21	6	5	10	21-21	17
Sandinenses	21	5	6	10	17-28	16
Paredes	21	3	6	12	16-28	12
Amares	21	4	4	13	14-33	12
Ermesinde	21	1	8	12	17-44	10

### PRÓXIMA JORNADA (13 Março)

Infesta - Maia; Varzim - Lourosa; Lixa - Moreirense;  
Marco - Ermesinde; Vila Real - Ronfe; Paredes - Vizela; Sandinenses - Esposende; União de Lamas - Amares; Fafe - Lousada.

## Distrital III Divisão — Série B

### SÉRIE B — RESULTADOS

Santa Tecla, 3 - Peões, 0; Patrimonense, 0 - Pedralva, 1; Lanhas, 2 - CD Amares, 1; Cabanelas, 3 - Arcos, 1; Este, 0 - Caldelas, 0; Leões FC, 0 - Arsenal, 0; Sobreposta, 1 - Enguardas, 3.

### CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Este	17	11	6	0	44-11	28
Enguardas	18	10	4	4	36-18	24
Arsenal	18	10	4	4	34-20	24
Cabanelas	18	11	2	5	35-31	24
Pedralva	16	8	5	3	22-17	21
Lanhas	17	8	5	4	22-19	21
Arcos	17	9	2	6	21-21	20
Lage	17	7	3	7	32-27	17
Caldelas	18	6	5	7	21-20	17
Santa Tecla	16	5	4	7	27-24	15
Leões FC	17	6	3	8	24-27	15
Patrimonense	16	5	4	7	15-17	14
Peões	17	4	5	8	21-30	13
CD Amares	16	4	2	10	15-23	10
Sobreposta	17	2	3	12	15-42	7
Águias FC	15	1	1	13	7-52	3
Trandeiras	1	0	0	1	0-2	0

### PRÓXIMA JORNADA (13 DE MARÇO)

Peões - Patrimonense; Pedralva - Lanhas; CD Amares - Cabanelas; Arcos - Este; Caldelas - Lage; Arsenal - Sobreposta; Enguardas - Águias FC.

## Distrital III Divisão — Série C

### SÉRIE C — RESULTADOS

Estrelas Vermelhas, 7 - Paços, 2; Águias Alvite, 2 - U. Moreirense, 0; Armil, 0 - Guilhofrei, 0; Silvares, 3 - Ventosa, 2; Gerês, 1 - Cavez, 0; São Paio, 3 - Regadas, 2; São Lourenço, 1 - Stª Cristina, 4; Estorãos, 0 - Gandarela, 2.

### CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
S. Paio Vizela	19	15	2	2	45-13	32
Guilhofrei	19	12	4	3	38-13	28
Est. Vermelhas	19	12	2	5	47-22	26
Gandarela	18	11	3	4	30-16	25
Regadas	19	10	5	4	27-13	25
Águias Alvite	19	10	3	6	41-16	23
Travassós	18	9	3	6	33-25	21
Stª Cristina	19	9	2	8	34-38	20
Silvares	19	7	5	7	21-26	19
Armil	19	6	6	7	29-30	18
U. Moreirense	19	6	4	9	27-31	16
Ventosa	19	6	1	12	21-32	13
Estorãos	18	4	4	10	20-40	13
Gerês	19	4	4	11	22-37	11
Paços	17	4	3	10	21-37	11
Cavez	19	3	4	12	18-40	10
São Lourenço	19	3	1	15	10-57	7

### PRÓXIMA JORNADA (13 DE MARÇO)

Paços - Águias Alvite; União Moreirense - Armil; Guilhofrei - Silvares; Ventosa - Gerês; Cavez - São Paio; Regadas - São Lourenço; Santa Cristina - Estorãos; Gandarela - Travassós.

## Distrital II Divisão — Série C

### SÉRIE C — RESULTADOS

Terras Bouro, 3 - Campelos, 1; Capanense, 0 - Pica, 0; Gonça, 1 - Briteiros, 1; Outeiro, 1 - Figueiredo, 0; Vasco Gama, 3 - São Nicolau, 1; Mosteiro, 0 - Selho, 4; Fermilense, 3 - Antime, 1; Rossas, 1 - Arões, 2.

### CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Briteiros	20	14	4	2	51-18	32
Campelos	20	12	3	5	38-21	27
Santo Estevão	19	11	4	4	48-28	26
Capanense	20	9	7	4	27-17	25
Arões	19	7	9	3	27-14	23
Gonça	20	5	11	4	25-27	21
Selho	20	7	6	7	28-26	20
Mosteiro	20	8	4	8	22-26	20
Antime	20	7	5	8	27-23	19
Outeiro	20	6	7	7	23-29	19
Pica	20	5	7	8	19-24	19
Vasco Gama	19	8	5	6	28-24	19
Rossas	19	6	5	8	19-29	17
Terras Bouro	20	5	6	9	19-22	16
Fermilense	19	4	5	10	13-26	13
Figueiredo	20	2	6	12	25-44	10
São Nicolau	20	3	2	15	23-63	8

### PRÓXIMA JORNADA (13 DE MARÇO)

Pica - Campelos; Briteiros - Capanense; Figueiredo - Gonça; São Nicolau - Outeiro; Selho - Vasco Gama; Antime - Santo Estevão; Arões - Fermilense; Rossas - Terras Bouro.

Assine e divulgue «A VOZ DA ABADIA»

# PADARIA UNIVERSAL

de António José Fernandes

ESMERADO SERVIÇO DE PÃO E PRODUTOS AFINS

Fabrico e venda de pão especial aos domingos para tornar o seu almoço mais apetitoso. O pão é o melhor e mais barato dos alimentos. Prefira o da PADARIA UNIVERSAL

TELEFONES 371125 e 371346 — SANTA MARIA DE BOURO — AMARES

## FUNERÁRIA SANTA MARIA



Agência funerária  
Com Carro Fúnebre próprio

Trata de toda a documentação de funerais.  
Funerais e Transladações para todo o País.  
Coroas e Palmas em flores naturais.  
Ornamentação de Andores e Cruzes Pascais.

Telef. 371195 / 79244

Bouro (Santa Maria) 4720 AMARES

## CRÓNICAS SELVAGENS (31)

O meu amigo lembra-se por acaso do Cambado? O facínora mais famoso em Cabeceiras de Basto e arrabaldes, nos anos quarenta, e cujo julgamento ficou para todo o sempre no imaginário popular e no historial tribuna- lício da nossa comarca? Aquele homem que, em rapaziño, andara a guardar cabras por esses cabeços alvadios e rosados que a gente vê por aí abaixo e por aí acima, que nunca mais parecem acabar? Bandeou também por estes sítios. Deste miradouro, como Deus o fez, aqui onde estas mulheres que cumprem as suas promessas nos podem ver, à beira da igreja matriz, a festejar o seu patrono, apesar da largueza e boniteza da paisagem, não se vislumbra um décimo do que ele calcorreou, a mais a sua maltesia. Conheci-o moço, de andaina no cotio, bem composto, amigo do seu amigo, leal, franco, corajoso, mas respeitador da honra das famílias. A nossa vida — a vida dos homens — é um imbróglio, caracas! De repente não mais o vi, esqueci-o, e, no entanto, foi ele que me salvou um vitelinho, num parto difícil, e me ensinou quantos ludibrios e passadas para matar a primeira perdiz com uma espingarda de carregar pela boca e agarrar o primeiro coelho vivo, que andava perdido e tolhido no meio da neve.

Vai um dia, estava eu a estender uns arames num bardo, passa a mulher da mala do correio, a Júlia dos Feijões, e lança-me a novidade:

— O Cambado afinal acabou por ser preso por três patrulhas da GNR, chefiadas pelo célebre Briote, traído por um amigo e comparsa, amigo este depois de muito azucrinado e amofinado pelas «autoridades».

— Ó, mulher, quem lhe disse? Não pode ser verdade. Era mais lépido e alceiro que uma lebre. Então não se lembra de quando se escondeu, na casa do cunhado, na Gandarela, cercada de guardas, na hora do torpor da matina, apanhando-os sonolentos e com o nevoeiro espesso que caíra, de tanto esperarem pelo amanhecer, para meterem as portas dentro, e encurralá-lo como um bicho do monte, ele saltou da sacada por cima de dois deles, deixou-os a achar com duas facadas nas coxas, quietinhos como ratos e calados como mochos, e caçou-lhes as espingardas e foi um ver-se-te-avias. O Briote dava pulos de raiva e não teve outra saída mais airosa senão mandar tiros à toa para a carvalheira, ali à desbanda, só que o Cambado já se tinha aninhado na casa armoriada do fidalgo de S. Clemente de Basto.

— Pois foi! Até os soldados foram transferidos por indecente e má figura e caçados pela turba, recorda-se? Um deles, o

Caju, com um bando de filhos, tomalá, avança com guias de marcha para ps quintos, para os fundos do Alentejo. O amigo está a ver: o Cambado fazia das boas e das frescas. Muitos anos atrás tinham-lhe dado uma estalada num gabinete da Câmara e o dianho do homem, coitado dele, para que lhe dá? Não é que não mais se esqueceu do escarro botado em rosto do homem de barba feita? Dois camaristas e um funcionário do Tribunal, vindos de regresso de uma caçada, com as armas a boldrié, não deram conta, quelho abaixo, na Cruz do Muro, de que o Cambado, lesto, os foi seguindo, saltando muros e muretes, silvados e vinhedos. E sabe porque demorou tanto tempo para disparar três tiros de zagalote no alvo apetecido? Porque os caçadores vinham descendo os três juntinhos, alheiros de todo à tragédia que ia seguir-se. Só na calçada, aonde faz aquela espécie de eido e o lajedo é muito irregular, é que pôde atirar, sabendo bem, como e porquê.

— Desse episódio — adiantei-me eu — ainda me lembro de ouvir falar e comentar na altura, apesar de ainda ser pequerrucho. O alvejado esteve à morte numa clínica do Porto, e de uma das balas que lhe atravessou a garganta ficou rouquidão para o resto da vida!

— Raio! — disse o meu companheiro de conversa — ainda hoje não consigo compreender como é que aquela criança cheia de macieza e aquele adolescente inofensivo se tornou um outro Zé do Telhado. Olhe que matei a cabeça a pensar na puta da vida. O Cambado fora amiguíssimo do meu irmão mais velho, cumpriu a tropa com brio e denodo, enquanto outros se safavam pelo preço de uma toira, com os padrinhos à porta da Junta Militar, até foi despenheiro de confiança do comandante, aparecia aí fardado, que era um gosto vê-lo limpinho, todo gaiato, olhos bailadeiros, sorriso cintilante, falar pausado, rais parta a sorte! Minha mulher não me queria deixar ir assistir ao jure. Que assim, que assado, que só ia fazer mal ao Cambado e a mim. E o senhor quer saber da melhor? O estupor da minha mulher tinha os seus presentimentos e os seus sus-tos, o meu amigo compreende, mulheres são mulheres, quem as tem boas que as guarde. Num é que, acabado o julgamento, com a força de segurança a impedir o mais que podia nos corredores a aproximação do Cambado, eu, no meio daquela confusão toda, não é que me vejo abraçado pelo homem que alvoraçou e estreitou estas aldeias em redor,

chorar como uma madalena, os cabelos a caírem-lhe pela testa escantoadada e por sobre as orelhas, e a fazer-me chorar a mim como uma criança de colo? Tiveram de mo despartar aos sacoleijos, mas digolhe que em toda a minha já longa vida, quando o vi descer a escadaria, já algemado, para entrar no carro celular, nunca me vi tão engolido de desgosto, digolhe isto de coração aberto. Afinal, o que é que me prendia àquele homem condenado pelas justiças d'el-rei, perdão, pela justiça da República? Todos naquela altura diziam alto e bom som que tinham sido roubados e espoliados por ele, que era um façanhudo de faca à cinta, que muitos evitavam os caminhos solitários e escusos ou sem luar. Metiam medo às mulheres e às crianças:

— Sete aparece o Cambado, estás frito. Olha só, o Dr. Aires, de Carraxedo, da que escapou! A tocar guitarra, e que bem que ele a tocava, lá dos tempos de estudante em Coimbra, e da mata circundante, o Cambado, a procurar ponto-de-mira para lhe atirar a matar, e não é que um cão começa a ladrar a bom ladrar e o Dr. Aires fecha a varanda, desce o cortinado e desaparece no interior da casa solarenga? Se não fosse o rafeiro do caseiro vizinho, a estraçalhar no canavial, o Aires teria ido tanger o fado p'rá outra vida, Nossa Senhora, batia ali mesmo a bota. Vê ali adiante, naquela rebaixa, aquele castanheiro que parece um andor em homenagem ao Céu? Ele e o meu irmão, ainda rapazes, à lapada, encheram-se de comer castanhas, que o dono nunca as apanhava e as que sobejavam no chão eram para as cevas rinchar. Roubo a casas, a eiras e a alpendres, a adegas e lojas, pilhagem a capoeiras e coelheiras, rapina a quintais e pomares, ao outro dia já era certo e sabido que tinha um destinatário: o Cambado ou o seu bando de malfeitores. O senhor professor (desculpe lá ir-lhe à profissão) não sabia, nem talvez saiba agora, que muitas famílias comedieiras se fartaram à larga e à francesa com os gordos e suculentos artigos de mastigação do Cambado e em cujas casas ia deixando escondida a «mercadoria». Ricas e valiosas peças e objectos de estimação e bragais de linho iam ficando espalhados, os receptores enganaram-no vergonhosamente, às amantes mimou-as com oiro de lei, cordões, pulseiras, arrecadas e outros arremates de fantasia, vestidos e lambarices sem conta e medida. Porque a verdade essa é iniludível: o Cambado deu entrada na penitenciária pobre e

despido, tão despojado, como o fora no início da sua fulgurante aventura rombolesca.

— Vocês não conhecem a metade da missa do Cambado, iam desabafando as pessoas à saída do Tribunal.

Ao meu amigo ainda não lhe falta a paciência de escutar este velho à beira da cova! Não se ria. Estou no fio, eu sinto-o, não preciso que o médico mo diga. Ninguém nasce ladrão de estrada, assassino ou santo. As circunstâncias e as contingências da vida pesam muito nas sinas patéticas, nos destinos nobres ou nas existências místicas.

Sentados ambos no miradouro virgem da serra, em frente um do outro, enquanto o trabalho se desenrolava lá embaixo com a matraca das tesouras da poda e o cuidar do gado e da rês, ficamos um bocadinho calados, como se aquelas terras a nossos pés por um leve momento de magia tivessem desaparecido dos nossos olhares cativos e tristes.

Desce a montanha, estava uma tarde clara de sol e pelos caminhos as giestas desfaziam-se em cata-ratas de flores amarelas, alvas, cor de marfim, e à minha alma retornaram como um bando de estorninhos, os tempos flutuantes do volfrâmio, os espantamentos nas romarias, o «far-west» das pequenas vilas e vilejos, na fome, na indigência e na opressão a um povo rural, submetido a um ruralismo aristocrático e burguês, que matou, esse sim, esperanças e sonhos queridos, a golpes de sacrifício, na alma genuinamente telúrica de uma geração que teve de dar «o salto», à chuva, ao frio cortante do gelo, sofrendo as arestas do granito peninsular, a neve, pela noite dentro, transpondo despenhadeiros, atravessando rios, com a água pela cintura, encurralados como animais, até chegarem à «terra prometida», com os corpos e os espíritos apunhalados.

São histórias já velhas e, ao mesmo tempo, tão novas que se me afloram ao pensamento, eu começo logo a trocar os dedos sobre o teclado desta máquina alemã, oferecida por um emigrante, só porque, Nosso Senhor Jesus Cristo, eu tentei enxugar as lágrimas da mulher e dos filhos, dizendo que ele tinha sido internado no hospital para observações, e breve regressaria, mentira que durou até à hora previsível, na desconfiança já instalada da verdade amarga. Que o Rito, já longe, ia ao encontro do eldorado fascinante, pintado pelos «passadores», ilusões meio perdidas, quando se viu a comer e a dormir nos «bidonvilles» ou debaixo das pontes do Sena, sofrendo a dureza e a nostálgica saudade de ser português.

Alexandre Vaz

## A minha coluna

Espaçado no sofá, como um porco de engorda, vou penicando nos canais de televisão. Os noticiários servem-me todos de sobremesa cenar de violências. Os filmes assim- assim. Em novelas não consigo enganhar nenhuma. Demais a mais revolteiam todas à volta de uma cama, de um adultério, de um divórcio, de meia dúzia de infidelidades, de amores desencontrados, de uma fraude, de uma traição, de um golpe baixo, de uma safadeza insuportável. As casas lindas, luxuosas, compiscina onde se faz amor por debaixo de água, com telefones por tudo quanto é canto e esquina. Mulheres bonitas, sim-senhor, homens charmosos, não há dúvida.

Se a vida de todos nós fosse assim, que triste vida! Apesar de ser ficção, tenho pena daquela gente e de outra gente que não passa nas novelas. No fundo, são uns coitados e umas coitadas. Os debates televisivos, virem-nos por onde os quiserem virar, estão ao preço da uva mijona, e ninguém debate nada e coisíssima nenhuma, porque no fim dos debates fica-nos a tagarelada e a sensação frustrante de que não ficamos esclarecidos nem aprendemos nada para além do pouco que já sabíamos. Os concursos uma chatice rasteira de quilómetro e meio. Mas porreiro, porreiro é ver o chalado do senhor Herman a convidar para o seu programa a Teresa Guilherme, a Teresa Guilherme a convidar a brasileira gordinha, e a gordinha da brasileira — a Heloísa — a convidar a Teresa Guilherme para uma esparrela dos inocentes. E que inocentinhos! Levam a massa e daqui me vou para outro programa ou outro canal. Isto é que está um mau tempo no canal... (saudades do Vitorino Nemésio). O Sala, logo que sai do programa da manhã com a amiga Olga, vai gravar o seu programa tv e convida a Teresa Guilherme, o Goucha — o doceiro — presenteia o Marco Paulo, e por aí adiante que não tem fim. Aquilo, nos quatro canais é uma família de primos e primas e primadonas. No segundo canal — o da Cultura — são quase sempre os mesmos: o Saramago, o Vitorino de Almeida, o Joaquim Letria, o Adriano Cerqueira e o Doutor Machado Vaz, o patrão das nossas sexualidades. O programa «Ideias com História», quase sempre não tem ideias e às vezes é prever-so. «Na cama com...» é de morrinhenha. A cama aparece ali num cenário de cumplicidade, à Tomaz Taveira, mas a cama não serve para coisíssima nenhuma. Quando foi anunciado o primeiro programa fiquei logo guloso de todo, babado, ainda julguei que ia ver «ao vivo» uma cenazinha de sexo. Qual quê! Fui defraudado. Alguns convidados para a cama nem nela, cama, se sentam, ficam arrastados pelo chão ou repoltreados numa cadeira, coberta por uma colcha cor de vinagre, azeda. Espremida aquela cama e aquele colchão — uma cama célebre e caríssima — sobra o balde do champanhe, o mólinho de flores e o muito amistoso beijinho, nada mais, tudo numa boa. Uma decepção. Se é na cama com... que diabo de cama é esta? Cama para mim é cama, pelo menos para dormir e ressonar. Marina/Marina, à parte a bela comicidade da conhecida actriz, é um dos espelhos da idiotice nacional. As telenovelas mexicanas, dobradas «em brasileiro», são uma gafe de dobragem e assemelham-se bastante aos folhetins de faca e algarido dos meus tempos de menino e moço, são compridas como a légua da Póvoa, e os personagens, Nossa Senhora, parecem bonecos articulados. O excelente programa de culinária, para quem o mastiga no fim, num país onde volta a aparecer de uma forma galopante a fome e a miséria, devia ser proibido pelo Governo, pela Assembleia da República e pelo Presidente da República, por maléfico. As pessoas que estão à mesa a comer à farta e à francesa, nem aqueita nem arrefenta. As muitas outras, incluindo crianças, que não podem comer aqueles saborosíssimos alimentos, o programa é responsável por milhares de úlceras no estômago, por excesso de salivagem e de stress. E há assuntos que já cheiram mal, de tanto lhe mexerem e remexerem: as facturas falsas, o contrabando, a droga, a prostituição, a fuga ao fisco, as propinas, os hemofílicos, os doentes renais, os escândalos hospitalares e os inquéritos parlamentares, a FP25, a Descolonização, a Leonor Beleza, o Costa Freire, Timor, África Amiga... Andávamos desejozinhos por ter quatro canais para a malta escolher à vontade. Saíram-nos furados. Não temos escolha possível. A banalidade, a superficialidade, a mediocridade, salvante honrosas e belas excepções, instalaram-se na televisão portuguesa. Só nos resta emigrar. Eu, por mim, já resolvi. Não vou emigrar. A partir de amanhã vou ficar de quarentena à nossa querida e inefável televisão pelo menos três meses. Para desintoxicar o cérebro e limpar a alma. Para recuperar nos livros, que deixei de ler, nas salutares reflexões que quase abandonei e nos longos silêncios a que me subtraí, o que a televisão me fez desaprender.

ALEXANDRE VAZ